

MUNDO GRÁFICO

DEPÓSITO LEGAL

435
60
E ABR 1945



Três raparigas
numa
manhã de sol
com o seu
inseparável
companheiro





TERNURA INFANTIL

TEATRO DE GUERRA

ANTES da guerra, Londres quasi monopolizava todo o teatro inglês. Havia, é certo, alguns núcleos dramáticos na provincia, como em Birmingham e Liverpool, por exemplo, mas, fora da capital, os teatros eram raros e insufficientemente frequentados. Isto, por motivos diversos. Os directores artisticos de antes da guerra sustentavam que só uma organização com, pelo menos, duas estrélas de primeira grandeza do «West End» de Londres poderia empreender com êxito uma «tournee» pela provincia durante seis semanas. O cinema era um concorrente temível e era necessário que o teatro rivalizasse com êle como expressão de arte e como espectáculo.



A guerra, porém, fez renascer o interesse pelo teatro, devido ao extraordinário movimento populacional criado pela evacuação dos grandes centros. O teatro, subvencionado pelas administrações oficiais ou por empresas particulares, correspondeu, além da expectativa, ao interesse do público, removendo formidáveis obstáculos: falta de artistas, de decorações e mesmo de originais.

Londres deixou, pois, de ser o centro de gravidade do universo teatral inglês, cedendo o seu lugar à provincia.

Em numerosas pequenas cidades, onde poderia ter-se instalado, com facilidade, um cinema, mas não um teatro, improvisaram-se salas de espectáculos. Foi principalmente entre os evacuados dos grandes centros que se criou uma nova popularidade do teatro. Começou, assim, a assistir-se, em toda a Inglaterra, à exhibição de excelentes peças, interpretadas pelos melhores artistas, em toda a sorte de lugares, mais ou menos apropriados, mas sempre facilmente adaptados às necessidades da representação.

E, assim, o habitante da provincia, privado desse prazer antes do conflito, tornou-se agora,

(Continua na página 30)



Cuidai dos vossos filhos

O estomago da criança exige uma alimentação ligeira e digestiva; de igual forma a pele fresca e sensível requiere um creme muito macio. As mãs cuidadosas do bem estar dos seus filhos devem empregar o **CREME NIVEA** para purificar e fortificar a pele, que pode assim desempenhar todas as suas funções. A criança suportará melhor a humidade e as mudanças de temperatura



PREÇO DESDE 6400



Deposito: Fátima, Branco & Fernandes, Lda. Rua das Sapatarias, 29-31 - Lisboa

P. A. 85

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

É vendido em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237 LISBOA



REFLEXOS DO MUNDO



Algumas granadas, que foram expostas, nas ruas de Londres, durante a grande subscrição para as Asas da Vitória

A ofensiva na Tunísia

O general Alexander, que, desde o Egípto, combate Rommel, é o comandante-adjunto dos aliados no Norte de África. O general Eisenhower encontra-se no Quartel General e Alexander dirige as operações no campo de batalha.

Pouco antes da tomada de Gafsa pelos americanos, o vencedor de Rommel reuniu os jornalistas que seguem as operações e anunciou-lhes que, alguma coisa de importante se vai passar na Tunísia.

Essa recepção à Imprensa te-

ve todo o carácter de recepção de guerra. Realizou-se num bosque onde está instalado o Quartel General de Alexander. Ao ar livre. O general estava de pé em frente de uma mesa simples. Os correspondentes de guerra estavam em semi-círculo, sentados em bancos muito primitivos.

Choveu durante tãa a audiência e os aviões de caça sobrevoavam o local, patrulhando a região.

Hinsley

Faleceu em Londres o Cardial Hinsley que, na Sé Catedral de Westminster, era o sucessor dessa nobre e alta figura que se chamou Wiseman.

Com uma brilhante carreira de intelectual e homem de acção, o cardial Hinsley era uma das maiores personalidades britânicas. Director do Colégio Inglês de Roma, missionário nas plagas africanas e, por fim, chefe da Igreja Católica Britânica, o eminente purpurado reuniu as mais variadas experiências que um homem pode desejar para enriquecimento espiritual.

Tinha grande aprço pelo nosso país, cuja história colonizadora e cristã conhecia muito bem. Dias antes de morrer recebeu o sr. Diniz Bordalo Pinheiro, a quem manifestou o

mais vivo interesse por Portugal, enviando fraternais saudações para o Cardial Patriarca de Lisboa.

Portugal nos Estados Unidos

Hollywood está a dedicar especial interesse aos portugueses. Nos filmes aparecem com frequência algumas das nossas figuras e gente do nosso povo. A linda Hedy Lamarr vai interpretar em «Tortilla Flat» o papel de uma rapariga descendente de portugueses.

Vai ser também homenageado num filme um dos portugueses mais célebres da América, que morreu em 1932: João Filipe de Sousa, o famoso regente de banda e autor de marchas militares que a América inteira conhece, vai ser consagrado na tela. E' dele, entre outros, o hino «Stars and Stripes» de exaltação da bandeira dos Estados Unidos.

João Filipe de Sousa foi já consagrado pela América numa emissão de selos de personalidades célebres.

O heroísmo dum grande actor

Robert Montgomery é hoje capitão de fragata da marinha americana.

Tomou parte na vitoriosa batalha das Ilhas Salomão. Nos últimos 18 dias de luta esteve ao largo de Guadalcanar a bordo do navio-almirante americano, manifestando na acção a mesma coragem que estamos habituados a ver-lhe nas películas cinematográficas.

Depois da derrota dos japoneses, foi atacado de febre pa-



ASAS DA VITÓRIA

Em Trafalgar-Square, onde se ergue a estátua do invencível Nelson, símbolo da historia da Gran-Bretanha, vê-se um bombardeiro «Lancaster», no meio duma triunfal largada de pombos. Londres, durante a semana da aviação, acorreu ali, tendo só ela contribuído com 15 milhões de contos, na nossa moeda, para as Asas da Vitória, quantia esta com a qual se podem construir seis mil bombardeiros ou trinta mil caças.

lustres e transportado por via aérea para um hospital, numa base avançada do Pacifico.

Robert Montgomery participa na guerra desde o primeiro dia. Em agosto de 1941 tripulava uma ambulância em França, seguindo depois para Londres onde esteve como adido naval. Mais tarde serviu num contratorpedeiro britânico para comandar em seguida uma divisão de torpedeiros no Panamá. Fez também parte da guarnição dum cruzador pesado, entrando em duas grandes batalhas navais do Pacifico.



As forças inglesas não estão, apenas, bem armadas, mas também admiravelmente equipadas. Casacos de inverno

Dr. Spencer Jones

O dr. Harold Spencer Jones é astrónomo real da Inglaterra e director do Observatório de Greenwich. O eminente homem de ciência acaba de fazer uma nova determinação da distância da terra ao sol, fixando-a em 149.677.000 quilómetros, com uma margem de erro de apenas 14.500 quilómetros. Aquêl número é dez vezes mais exacto do que a melhor determinação anterior da distância adoptada como padrão de medida do universo.

O dr. Spencer Jones nasceu em Londres em 1890. Cursou o «Jesus College» e a Universidade de Cambridge, sendo depois ajudante em chefe no observa-

tório de Greenwich. De 1923 a 1933 foi astrónomo no Cabo da Boa Esperança, na Africa do Sul, cargo que abandonara para desempenhar as suas funções actuais. E' autor de uma curiosa série de livros populares de divulgação científica, entre os quais salientamos, pelo seu particular interesse e pitoresco: «A vida dos outros mundos».

Sob os auspícios de British Council, o dr. Spencer Jones anda, agora, em viagem pela Turquia, Palestina e Egípto afim de realizar conferências sobre o estado actual da ciência astronómica.



Na Tunísia, um soldado inglês, relojoeiro de profissão, concentra os relógios dos camaradas, atentamente observado por um árabe



aqui AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Ondas curtas	
6,15	WEBX	31,1 m.	9,650 kcjs.
8,45	WRUW	49,6 m.	6,040 kcjs.
10,45	WBOS	48,8 m.	6,140 kcjs.
12,45	WBOS	25,3 m.	11,870 kcjs.
16,45	WBOS	19,7 m.	15,210 kcjs.
16,45	WGEA	25,3 m.	11,847 kcjs.
18,45	WGEA	25,3 m.	11,847 kcjs.
20,45	WGEO	31,5 m.	9,530 kcjs.
21,45	WGEO	31,5 m.	9,530 kcjs.
24,15	WDJ	39,7 m.	7,565 kcjs.

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

A ACÇÃO DECISIVA DA R. A. F. NO CÉU DA EUROPA

O marechal do Ar Artur Harris manda diariamente algumas centenas dos seus mais modernos aparelhos de bombardeamento ao céu do Reich, da Itália e dos países do continente europeu ocupados pelas tropas do Eixo. É uma tarefa que se verifica com uma regularidade e um êxito verdadeiramente impressionantes de há meses a esta parte.

O bombardeamento colossal de Colónia realizado por mais de mil aparelhos teve lugar há aproximadamente um ano. Desde então, nunca mais as pesadas bombas da aviação britânica deixaram de cair sobre os objectivos de guerra que as potências do Eixo, têm no continente, fábricas e estaleiros, docas e depósitos, caminhos de ferro e portos.

Acontece que no mesmo dia podem ser atacados com uma violência inaudita dois, três ou mesmo mais desses centros. Os ataques sistemáticos aos portos da costa Atlântica onde se constroem submarinos tem-se revelado particularmente eficazes. Munich, Essen e Ber-

lim suportaram recentemente ataques que pela sua duração e pela sua intensidade ficarão com provas da gigantesca capacidade de acção que a R. A. F. alcançou. As linhas gerais da ofensiva impressionante que a arma aérea britânica está conduzindo contra os adversários do seu país são determinadas pelo gabinete de guerra e transmitidos aos órgãos de execução pelo Ministro da Aeronáutica. Ao apresentar, recentemente, na Câmara dos Comuns, o orçamento do seu ministério, Sir Archibald Sinclair teve ocasião de expor, com pormenores curiosos, o estado actual da aviação inglesa, quanto à excelência do seu ma-



Os que vão a Berlim

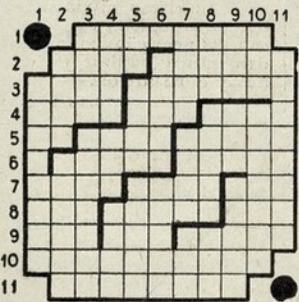
terial e ao valor do seu pessoal.

Com o estudo aturado das cartas e das fotografias, o comando de bombardeiros escolhe os objectivos e distribui as forças que hão-de actuar sobre eles. Que esse método se têm revelado particularmente eficaz não podem restar dúvidas perante os clamores da imprensa que se ergueu na Alemanha e na Itália. Não se deve, porém, esquecer que foi o primeiro destes países o iniciador desses ataques. O marechal do Ar Harris entende que chegou a hora de bater e de bater com dureza. Mas a sua tarefa executa-se dentro de um quadro de realidades técnicas inegalável. A aviação inglesa tem-se revelado sob todos os pontos de vista no decurso de actual conflito uma arma da «élite» superior à dos adversários.

Não falta quem considere a intensificação dos bombardeamentos aéreos, em que a colaboração e a fraternidade de armas anglo-americanas se têm evidenciado exuberantemente, como o prelúdio de invasão do continente pelas tropas dos aliados. Assim as operações actualmente em curso não se limitariam a quebrar na origem dos seus órgãos principais da máquina de guerra que os adversários da Gran-Bretanha meticolosamente tinham montado. Como é natural as interpretações a esse respeito variam. Mas aquela a que nos referimos provém de países neutrais onde a evolução da luta é seguida com um novo interesse e, em muitos casos, com uma competência inexcelsível.

Olhando no mapa a distribuição das forças aliadas, na metrópole britânica, na África do Norte francesa, no Egipto e no Próximo Oriente, considerando a evolução favorável da Tunísia e entrando em linha de conta com os recentes desenvolvimentos diplomáticos registados em certos países e que são inteiramente favoráveis para a causa das Nações

Unidas é, efectivamente, natural associar as duas idéias. Os acontecimentos que não tardarão a produzir-se se encarregarão de dizer até que ponto é justo associá-las e fazê-las corresponder estreitamente.



PROBLEMA N.º 61

HORIZONTAIS

- 1 — Terrenos cobertos de plantas bravas.
- 2 — Feitício — Construções estreitas e altas, anexas às igrejas, onde estão os sinos.
- 3 — Leite de égua, fermentado, que os tártaros bebem — Espalhera.
- 4 — Devotos — Interjeição — Apellido do herói lendário da Suíça, que contribuiu para libertar a sua pátria do jugo da Áustria, no comêto do séc. XIV; de uma vez foi preso, condenaram-no a atravessar com uma frecha uma maçã colocada sobre a cabeça do seu próprio filho, o que fez com felicidade; esta e outras das suas façanhas têm sido fonte de inspiração para poetas e escritores.
- 5 — Nome de uma letra sregã — Nação — Escutam.
- 6 — Cidade do Líbano, antiga Sidon — Débil.
- 7 — Pinço — Aparecer — Naquelle lugar.
- 8 — Agora — Estreme — Possuir.
- 9 — Apellido da célebre heroína francesa denominada a «Donzela de Orleans», que é a personificação mais elevada do amor pela Pátria — Sufixo diminutivo — Bando de animais.
- 10 — APELLIDO DO GENERAL COMANDANTE DE 150.000 GUERRILHEIROS IUGOSLAVOS CUA ACÇÃO TEM SIDO IMPORTANTÍSSIMA NA RECTA-GUARDA DAS LINHAS NAZIS DE OCUPAÇÃO.
- 11 — Peregrinos.

VERTICAIS

- 1 — Anunciem em voz alta.
- 2 — Conjunto de três — Rir sem ruído.
- 3 — Feiticeiro — Embarcação mercante, ligeira, de dois mastros.
- 4 — Faldas — Criada de companhia — Exergavam.
- 5 — Pronome pessoal — Escravo de Mahomet, o primeiro que acreditou na missão do profeta — Cerque.
- 6 — Carro em que se conduziam objectos do culto, nos joços do circo — Extingui.
- 7 — Seiva viscosa de alguns vegetais — Vulcão de Sumatra, também chamado Gonnon-Ledan — Colocar.
- 8 — Unidade das medidas agrárias — Teima — Nome de homem.
- 9 — Cálera — A primeira mulher, segundo a Bíblia — Ligais.
- 10 — Ente — GENERAL COMANDANTE DAS FORÇAS COMBATENTES FRANCÊSAS QUE PARTICIPAM JUNTAMENTE COM O S.º EXERCITO BRITANICO. NA DERROTA DAS TROPAS DE ROMMEL EM AFRICA.
- 11 — Substância líquida que se depositou nas vasilhas onde se salgou o peixe ou carne.



Solução do problema n.º 60

NOVOS TONS de pó de arroz que são a admiração DAS SENHORAS



PREPARADOS EM PARIS COM UMA MÁQUINA COLORIMÉTRICA MÁGICA

DUPLICA A BELEZA DA PELE

Inventou-se uma nova máquina colorimétrica que revela a cor exacta do pó de arroz que melhor se adapta à sua pele.

Esta invenção levou à criação de tons novos de que a originalidade e a beleza são inegaláveis. O Pó de Arroz Tokalon não tem rival. Adere à pele um dia inteiro, mesmo andando ao vento e à chuva. Evita o brilho no nariz. É preparado por um processo devidamente registado. Experimente hoje mesmo o Pó de Arroz Tokalon — os novos tons que favorecem e embelezam — e pareça mais nova e mais linda.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.



GEORGE PATTON ★

O nome do general americano George Patton adquiriu uma notoriedade merecida desde que se iniciou a ofensiva para liquidar a batalha do Norte de Africa. Tendo tomado resolutamente a ofensiva, o herói de Gafsa que já era uma personalidade conhecida e justamente considerada nos meios militares anglo-americanos, afirmou imediatamente a sua decisão firme de reduzir rapidamente a resistência do inimigo, realizando vitoriosamente a fase inicial da batalha.

O general George Patton conta actualmente cinquenta e sete anos. Alistou-se no Exército do seu país e tomou uma parte activa na Grande Guerra. Em 1917 bateu-se valentemente em Cambrai, primeiro, e depois em Saint Mihiel. Foi no decurso dessas duas batalhas que Patton pôde avaliar a importância real que os «tanks» deviam desempenhar na futura guerra.

Concluída a paz, regressou aos estudos militares e estudou profundamente a função dos engenhos blindados nos conflitos militares. Tornou-se, assim, um especialista de «tanks» cujas opiniões eram devidamente apreciadas no seu país e no estrangeiro.

Quando o general Marshall tomou a direcção dos trabalhos de reorganização do exército norte-americano, Patton tornou-se um dos seus mais activos colaboradores e escutados conselheiros. Foi-lhe confiado o comando de uma divisão blindada, que exerceu com superior competência, e depois comandou as tropas blindadas que se especializaram no deserto.

Os seus serviços foram utilizados durante o desembarque anglo-americano de novembro do ano passado. Encarregado de dirigir o ataque à costa marroquina, onde a resistência se revelou mais poderosa, conseguiu dominar, com a sua energia habitual, as dificuldades que se opunham à sua acção, saindo vitorioso da luta.

A CONFERÊNCIA DE WASHINGTON

A viagem aos Estados Unidos do Secretário do Estado para os Negócios Estrangeiros é um acontecimento de repercussão mundial. Ninguém ignora que o sr. Anthony Eden durante a sua permanência em Washington se não limitara a falar da guerra. Tanto como da guerra é da paz que se trata nas negociações de capital importância em que toma parte. E, antes de mais nada, convém acentuar que a escolha de um homem do Estado britânico para a realização dessa tarefa constitui uma indicação insofismável de prestígio crescente que está assumindo nas negociações internacionais a posição da Gran-Bretanha. Esse prestígio, que o homem do Estado britânico a quem nos referimos saberá utilizar no sentido do bem geral, não é um simples produto do acaso. Os povos tiveram sempre no conceito de estranhos o tratamento que os seus actos justificam. A Gran-Bretanha tem-se batido incansavelmente, desde o início das hostilidades, com uma fé e uma coragem que, vistos os acontecimentos a distância, devem considerar-se os principais artifícios da vitória. Sem essa fé e sem essa coragem que teria sido do mundo?

A acção que tem desenvolvido dá à nação britânica o direito de assumir o papel que todos lhe reconhecem. Como medianeira, para diminuir a paridade de divergências suscitadas entre estranhos, ou como iniciadora de arrojadas medidas de pacificação geral a autoridade dos seus dirigentes britânicos têm-se afirmado tão valiosa como a bravura dos seus soldados nos campos de batalha, dos seus marinheiros, ao largo de todos os oceanos, dos seus aviadores nos céus dos mais diversos climas. Por isso a missão do sr. Eden é seguida em toda a parte, com interesse justificado e compreensível.

Em que consiste precisamente essa missão? Além dos pormenores que constituem o segrêdo inevitável das chancelarias, que são na estratégia política o que nos Estados Maiores são na estratégia militar, ninguém ignora que o Secretário de Estado de Gran-Bretanha deseja, correspondendo a um voto unânime dos seus compatriotas, preparar, com a necessária antecedência, um sistema de segurança que evite, de uma vez para sempre, a repetição das catástrofes cíclicas que ensanguentam o nosso continente. Para êle, como para todos os ingleses do nosso tempo, sem distinção de partidos ou de crenças, trata-se de criar as condições em que a paz deve ser definitivamente estabelecida.

A Gran-Bretanha tem dado, antes de iniciadas as hostilidades como no decurso delas, prova exuberante de que a não animam nem intenções reservadas nem propósitos ocultos. Nessa realidade superior que é geralmente apreciada e reconhecida reside a sua maior força.

A viagem ao continente americano do sr. Anthony Eden tem de ser, assim, encarada na linha geral dum pensamento que não sofreu ainda nem desvios, nem hesitações. Linha geral de coerência política e de superioridade moral, de grandeza cívica e devoção pela causa do bem comum. Duas conflagrações no curto prazo de um quarto de século constituem, manifestamente, um sistema que obriga à meditação geral. Esta tem de se exercer eficazmente. Na sua missão, de significado mundial, o homem de Estado britânico que se deslocou ao continente americano procura completar a tarefa que tem consumido a maior parte da sua vida evitando a repetição do drama a que assistimos.

O OBSERVADOR

O ataque à Krupp

O ataque ao centro da indústria pesada alemã, as fábricas Krupp, em Essen, foi dos mais violentos até hoje efectuados pela R. A. F. sobre a Alemanha. Esse golpe tem incalculáveis repercussões. Não se obtive ali, apenas, um efeito moral, mas o ganho duma grande batalha — da qual o exército aéreo britânico saiu vencedor. Essa densa zona industrial que, há muitos anos, é pela sua capacidade produtora, o orgulho da Alemanha, foi esfacelada. Os altos fornos, as grandes oficinas, os hangares, ficaram, na sua maior parte, destruídos. A utensilagem mais valiosa desapareceu calcinada num gigantesco montão de ruínas e, com ela, um quinto, se não mais, do fabrico bélico do terceiro Reich. Eis um axioma: a R. A. F. vai a toda a parte.

Asas de ouro

No outro lado do mundo, no Pacífico, as forças americanas, ergueram à invasão japonesa, uma muralha intransponível. Os altos feitos da esquadra americana, revelaram o valor das tripulações e do seu material. Mas tanto ou mais do que isso, a aviação americana tem demonstrado exuberantemente, a sua superioridade. As suas vitórias são ininterruptas. Esmagadoras. As cifras oficiais de aviões nipónicos abatidos, que nunca são contestadas, são a melhor prova de que realizou, o que têm feito, e o que farão ainda as asas de ouro dos Estados Unidos, tanto no Pacífico, como na Europa.

Duas declarações

«A guerra está ganha; a vitória é uma questão de tempo!» — declarou Antony Eden nos Estados Unidos. Compreende-se esta certeza. O ministro dos Negócios Estrangeiros da Gran-Bretanha falou, em nome do seu país, tendo na visão os exércitos inumeráveis das Nações Unidas, as suas esquadras dominando todos os mares, o seu potencial bélico, agora no auge, inundando em catadupas todos os teatros de guerra. No extremo de Africa, outra voz vibra, confiante, não já de previsão, mas de realidade. E' Giraud quem fala: «começou a ofensiva que só parará em Berlim!»

Este ano será decisivo no curso dos acontecimentos!

«Mundo Gráfico»

A distribuição da nossa revista passou, desde o número passado, a ser feita por esta administração, à qual devem ser dirigidos todos os pedidos.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^a

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º | Lisboa | Telefone 25240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



As tropas alemãs foram derrotadas na passagem de Kasserine, na Tunísia, triunfo brilhante das forças inglesas. Um dos numerosos tanks M K 3 das alemães, cuja tripulação foi aniquilada

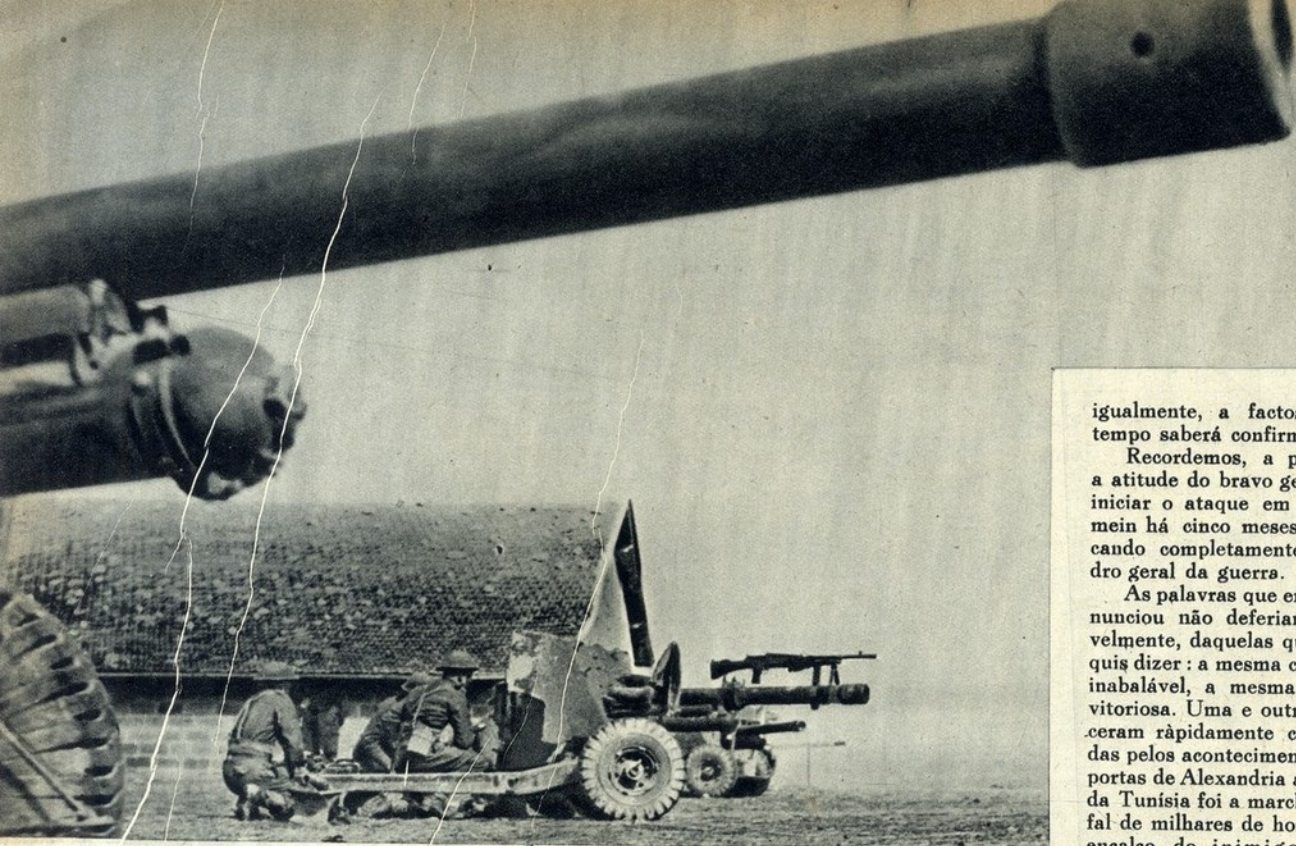
O AVANÇO DO 8.º EXÉRCITO NA TUNÍSIA

O mundo espera ansiosamente que o 8.º Exército prossiga o seu ataque. Não se encontrará nesta expressão a dupla afirmação duma realidade que exerce, na altura da guerra em que todos esperam uma decisão, a influência fascinadora sobre as imaginações que só o prestígio dos actos heróicos pode dar? Nela se contêm duas coisas essenciais: a confiança que todos, e não apenas os cidadãos da Gran-Bretanha, têm no exército do deserto; a certeza de que ele se encontra em condições de atacar e de vencer.

Referindo-se recentemente à situação crescentemente delicada dos seus adversários, o general Montgomery declarou que ela se assemelha bastante à do rato apanhado na ratoeira e acrescenta que es-



Montgomery, o general da vitória, assistindo num teatro de Trípoli, a última cidade do império italiano que ele conquistou, a um espectáculo para os seus soldados



Os poderosos canhões anti-tanks do 8.º Exército, que destruíram na linha Mareth numerosos blindados do inimigo



pera liquidar essa situação até aos princípios de Maio. O homem que contribuiu, como ninguém, para as vitórias alcançadas pelo Exército que comanda é habitualmente parcimonioso nas suas expressões. Tudo nos diz que aquelas que confiadamente acabaram de empregar correspondem não apenas à sua convicção profunda mas se referem,

igualmente, a factos que o tempo saberá confirmar.

Recordemos, a propósito, a atitude do bravo general ao iniciar o ataque em El Alamein há cinco meses, modificando completamente o quadro geral da guerra.

As palavras que então pronunciou não deferiam, sensivelmente, daquelas que agora quis dizer: a mesma confiança inabalável, a mesma certeza vitoriosa. Uma e outra apareceram rapidamente confirmadas pelos acontecimentos. Das portas de Alexandria aq limiar da Tunísia foi a marcha triunfal de milhares de homens no encalço do inimigo batido em toda a linha. Apenas as paragens indispensáveis para organizar devidamente os serviços de abastecimentos indispensáveis ao prosseguimento normal das operações naquelas paragens.

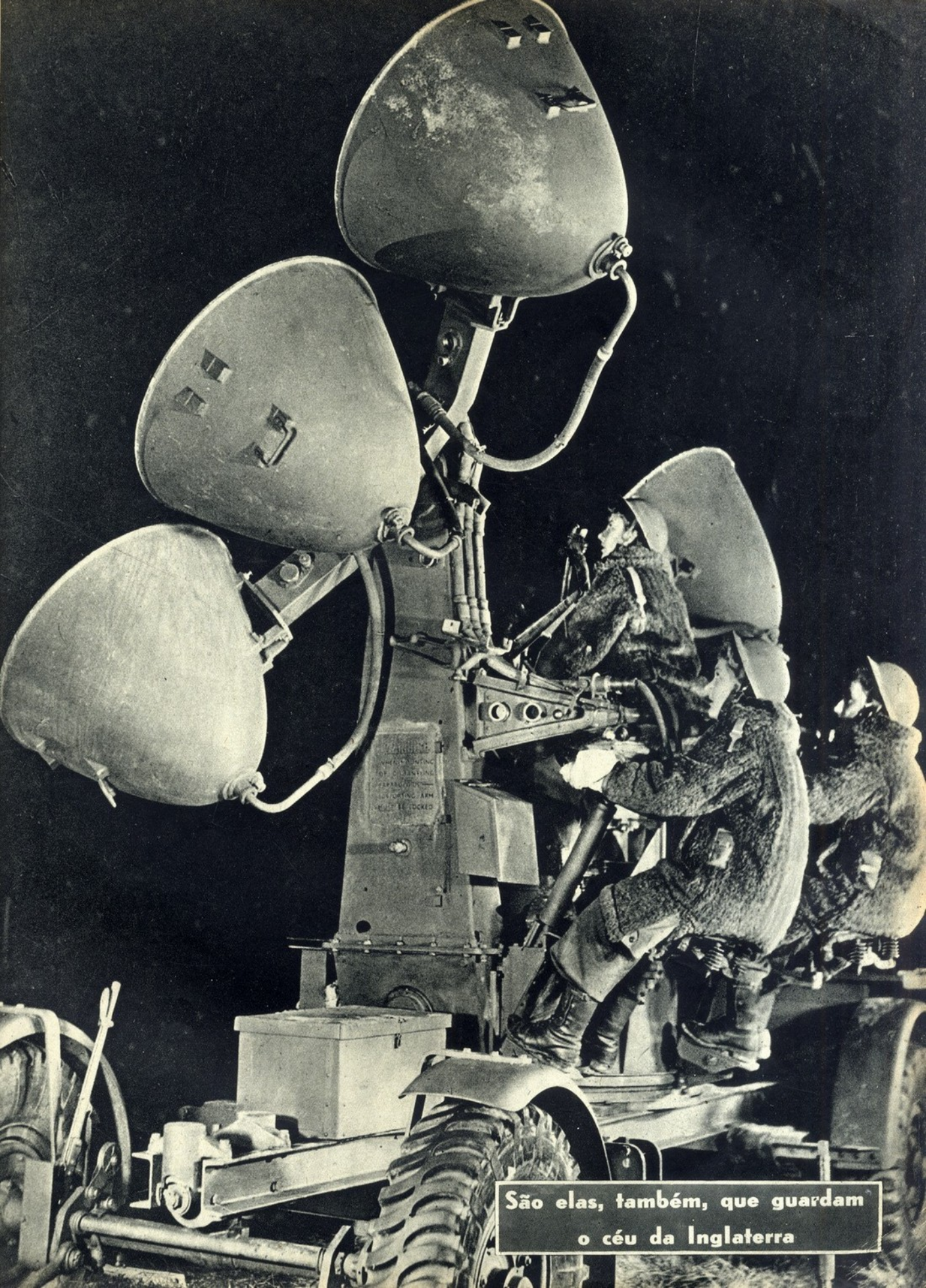
Em 23 de Outubro de 1942, Montgomery anunciou que ia atacar. Durante dez dias de luta incessante a resistência do inimigo foi audaciosamente

(Continua na página 29)



Na frente de Kasserine. Uma divisão panzer alemã foi destruída. As tropas inglesas a caminho da frente

← Um oficial alemão, rende-se aos soldados americanos, na Tunísia



São elas, também, que guardam
o céu da Inglaterra



FLORES DA PRIMAVERA

CENAS DA GUERRA



Prisioneiros alemães



Estalinegrado depois da última batalha



Soldados nazis no momento de serem capturados



Material abandonado pelos alemães no campo de batalha



O general Paulus a caminho do cativoiro



A elegância e o ritmo das jovens atletas criam novas atitudes de beleza

para os demais, deverá, talvez, considerar-se a iniciador, há largos anos, da campanha de incitamento ao sexo feminino para se adstrar nos desportos. É o Ginásio Club Português, cujo nome, bem justamente consagrado como glorioso, basta, por si só, a afirmar uma obra imorredoura, bem digna do orgulho de quantos sabem reconhecer quão precioso é, para a nossa Pátria, o fortalecimento da Raça.

A mulher no desporto! A mulher portuguesa disputando provas de natação e de tiro e afirmando notabilíssimas qualidades de vencedora era, há bons trinta ou quarenta anos, motivo de severas críticas e sátiras veementes. Mas tudo se transformou, tudo evoluiu no sentido firme de restaurar o fortalecimento duma raça.

S. Saboya

No Ginásio Club Português. Um salto de plinto primorosamente executado

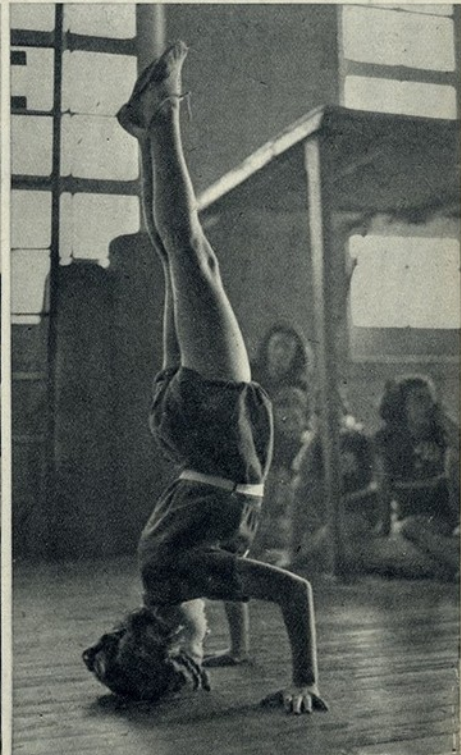
RAPARIGAS DE HOJE

A mulher portuguesa acompanha, sem hesitações e com o mais notável entusiasmo, os desportos, integrando-se neles com apaixonado interesse e praticando-os com invulgar correcção, que lhes permite situação de relêvo nos meios apropriados. É, sobretudo, nas modalidades de ginástica rítmica e artística que ela mais entusiasticamente se inicia e se adentra, conseguindo assim, não só proporcionar-se possibilidades excepcionais para aformosear, por uma acção natural e perfeita, a sua plástica, mas transmitir à nossa raça condições excelentes de desenvolvimento físico que de outra forma não poderia ser-lhe fornecidas com segurança.

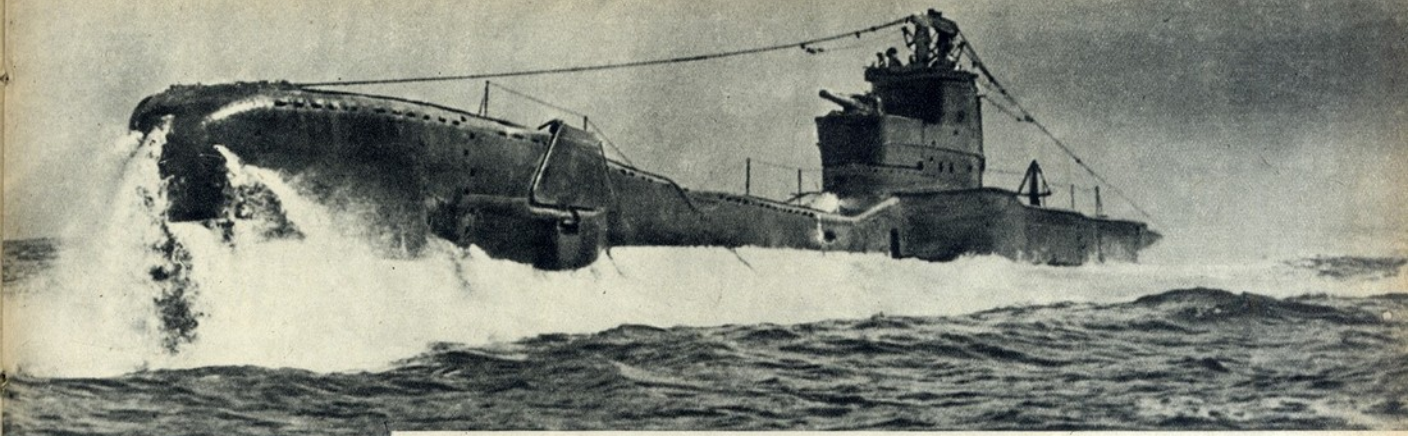
Diversos organismos de educação física existem entre nós, a impulsionar e facilitar à mulher o seu desenvolvimento físico e a insuflar-lhe o gôsto pelos desportos. Um existe porém em Lisboa, que, sem desdouro



As ginastas descansam no intervalo de dois exercícios



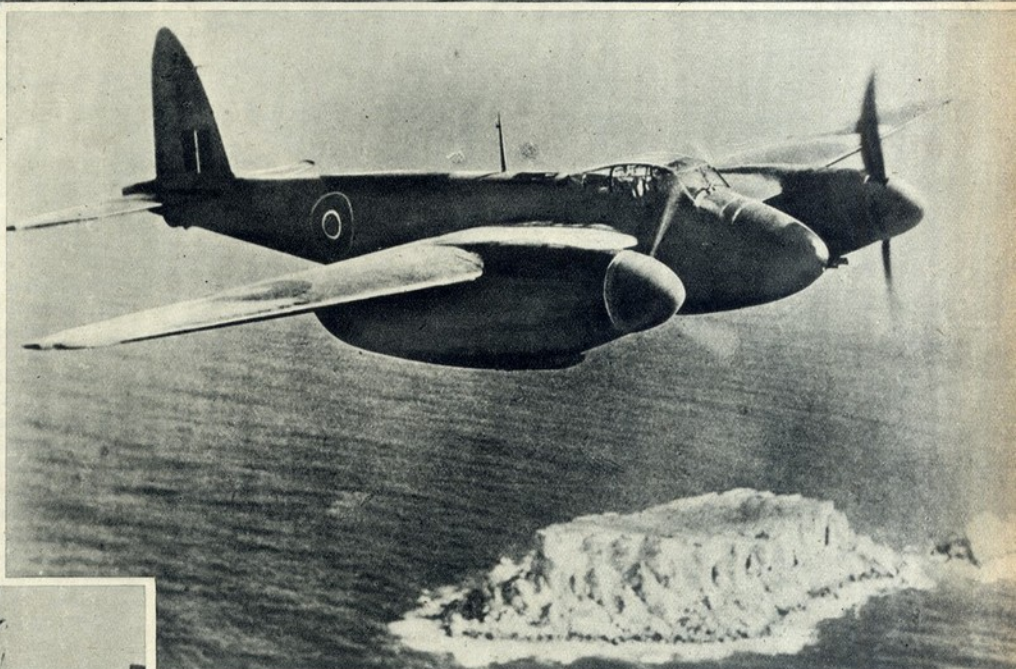
Um pino bem executado é uma figura difícil da ginástica aplicada



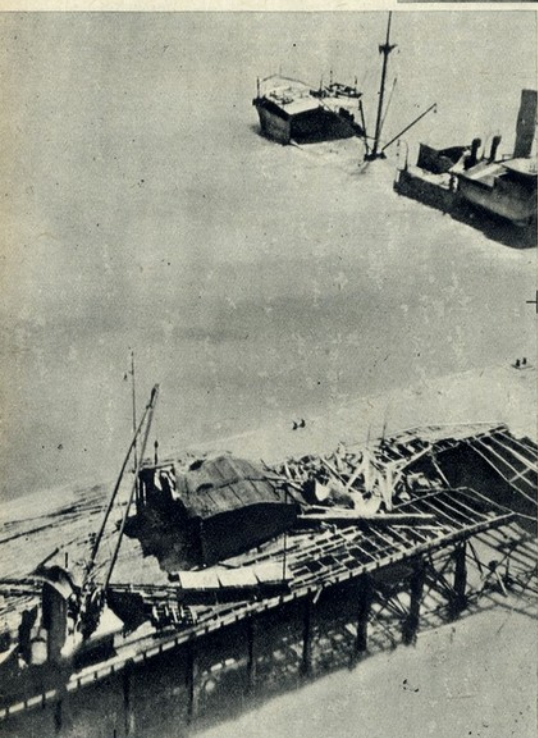
Uma visão do poder da Inglaterra. O submarino "Taku" que torpedeou alguns dos raros navios inimigos que se aventuram no mar, provando mais uma vez a indômita coragem dos marinheiros ingleses



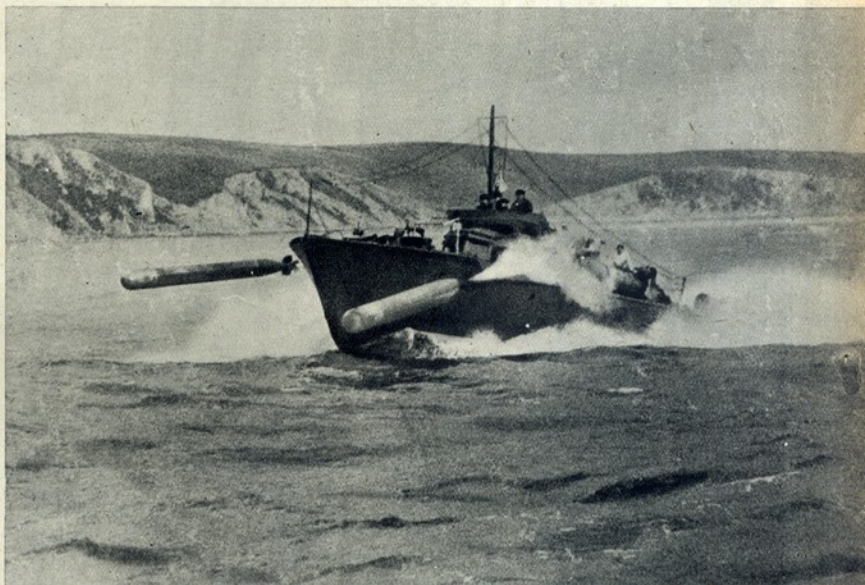
O tenente Pitt, que comanda o "Taku"



Asas da vitória. Um "Mosquito" que pertence às esquadilhas do 8.º Exército, voando sobre um rochedo perto da ilha-fortaleza de Malta



Os pilotos da R. A. F. com os seus camaradas americanos têm bombardeado com enorme êxito as posições inimigas, no Pacífico. Neste raid a Akyab os navios e cais ocupados pelos japoneses foram assim destruídos



Uma admirável fotografia de uma vedeta inglesa no momento de lançar dois torpedos contra o inimigo



Lisboa não viu este esbelto pássaro azul que num dia de sol voou sobre os seus telhados

BAILADO DA PRIMAVERA

HÁ pessoas dadas a meditações tão fúnebres e a conceitos tão mazombos, que até esquecem o único motivo pelo qual merece apenas viver.

Não é difícil encontrar esta luminosa razão, aqui em Lisboa, nestes claríssimos dias de Primavera em que tudo que existe no espaço se assemelha a rufar de asas e a músicas cantantes de sons.

Deixem-se, pois, de idéias pretensamente sérias — que fazem graves os homens e tornam melancólicos os olhos veludíneos das mulheres.

Não é demais reincidir nesta evidente afirmação: Lisboa, mesmo quando finge de tristonha, guarda sempre um sorriso calivante para dar a quem a compreenda. Quem lhe tem feito um nadinha de mal, atribuindo-lhe fisionomia errada, são aqueles que ainda



Uma flôr maravilhosa de bailado, que o vento fez desabrochar em delicadas pétalas

não puderam apreender o seu encanto; os que só citam de cor as suas águas-furtadas, as suas ruelas, os seus gatos famélicos a passearem-se pelos portões dos bairros característicos...

Lisboa não é um subterrâneo, é uma cidade alada. Não expomos uma imagem literária; revelamos um dos seus aspectos indestrutíveis. Nestes dias abrilinos e doces, esta jovem surgindo, como aparição de encantamento, por sobre as ruas onde a multidão se agita num azafamado vai-vém, evoca a figura quasi material de uma «istri» e traz-nos à memória aqueles exultantes versos de Musset, que começam assim:

Aux pays ou le soleil brille

Pois, como o poeta, não podemos nós também, glorificar a expressão estonteante deste vulto airoso de



Ela dança sempre e a gase branca do seu vestido parece a espuma de uma onda desfazendo-se na realidade dos nossos olhos



Pepita Sansalvador executa a figura mais difícil da sua caprichosa dança. Os seus braços harmoniosos como que querem abraçar o sol

dançariz? Figura que nos seus bailados leves como um sôpro de brisa, toma por vezes a forma delicada de uma rosa? Como se por estranho capricho original as suas curvas florescessem em pétalas de flores!

Reza um juízo encanecido, que, os indivíduos que pela vida caminham de olhos postos no chão, procuram algo de profundo. A frase, porém, não passa de coisa em que já ninguém acredita... faliu.

Hoje a experiência e a alegria da vida, são mais simples. Por exemplo: erguendo os olhos para a luz, para o azul, para a graça borboleteante desta rapariga a desenhar em ritmos musicais, delicadas curvilíneas, tendo por fundo a transparência do céu, é que a existência se torna bela, despreocupada e maravilhosa.



Em pontas, girando sempre, num torvelinho de graça que o sorriso ironisa de malícia



Apesar da sua expressão acrobática, esta atitude não deixa de ter a correcção clássica dos bailados de Pepita



Uma flôr apenas

AS NAÇÕES



O Exército inglês da ofensiva sobre a Alemanha, está pronto. Realizaram-se agora na Gran-Bretanha gigantescas manobras que abrangeram várias unidades e nas quais tomaram parte alguns milhões de homens



Os famosos tanks "Churchill", nome que é um símbolo, de aço e ferro forjado pelos operários ingleses, que tripulados pelos valentes soldados daquele país, rolam ameaçadoramente aproximando a hora da ofensiva contra o Eixo

UNIDAS



O general Alexander em pleno campo de batalha, na Tunísia



Durante as recentes manobras em Inglaterra. Tanks camuflados. Massas e massas de blindados tomaram parte nos exercícios com excelentes resultados



A artilharia anti-tank inglesa, durante as manobras em Inglaterra, e cujo poder de destruição se traduziu nos decisivos êxitos do 8.º Exército



Tanks americanos em plena batalha na Tunísia, apoiados por uma cortina de fogo da artilharia



Visões da guerra



O que a R. A. F. viu depois que atacou Nuremberg



Um soldado americano na frente da Tunísia. Junto dele, rebenta uma granada que não detem o seu avanço



Pela primeira vez no coração de Othelo surge a dúvida terrível do ciúme, que Iago perfidamente insinua

Outros artistas portugueses representaram-no também, com primoroso relêvo. Vem a propósito dizer que o rei D. Luiz era um apaixonado pela obra do genial dramaturgo inglês.

Há dêle uma versão do Hamlet, muita ajustada ao original conhecido, na qual Pinheiro Chagas, por vezes, interveio com os seus conselhos. São mesmo estas duas peças as que têm obtido mais êxito, entre nós, o que se compreende por nelas se estudar dois caracteres de palpante substância humana — o de Hamlet, contraditório, interrogativo, de sombrias perspectivas psicológicas, como que representando o destino do ser em face do problema da morte e o de Othelo, ou o Mouro de Veneza, violento, de rajada trágica, dum primarismo brutal de sentimentos, como que encarnando a sede eterna do amor e da paixão.

(Continua na pág. 30)

As personagens principais do drama shakespeariano: Othelo, Desdémoma e Iago

OTHELO NO TEATRO PORTUGUÊS

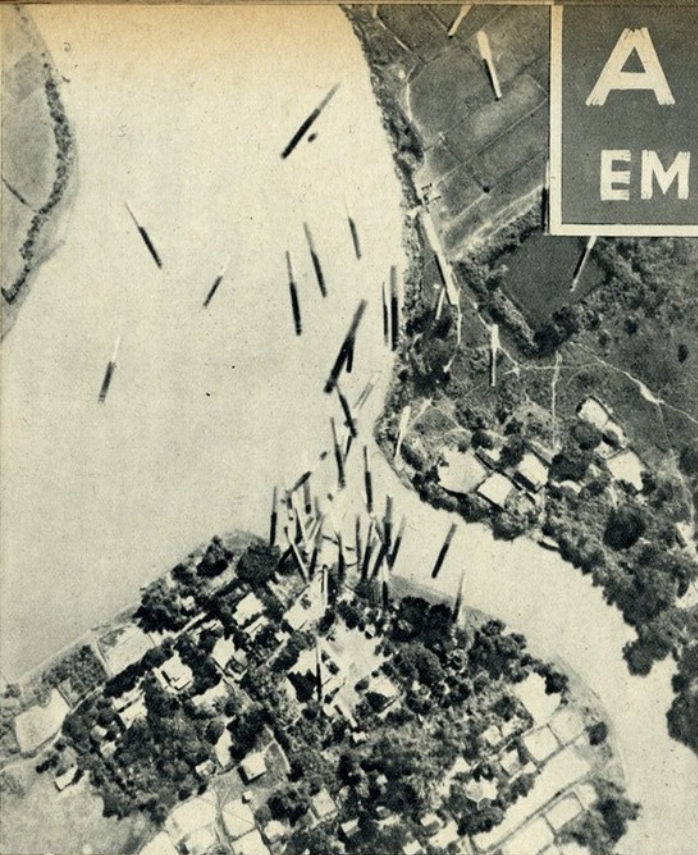
«Othelo» — o drama do ciúme — foi sempre uma das pedras de toque dos grandes artistas. O retato das suas personalidades históricas, o exame das possibilidades creadoras.

Em Portugal, a obra de Shakespeare, de que existe uma modelar tradução de José António Freitas (1882) teve a interpretação de notáveis actores. Um dos mais belos, sem dúvida, foi Brasão. A sua eloquência trágica, de severa linha monumental, servida por uma voz maravilhosa, de inesquecíveis registos, que iam desde o rouco sanguizemento da violência até ao desespero ululante da paixão, deu à figura célebre um carácter inesquecível de modelo humano.



Desdémoma conversa com Cassio, espiada pelo olhar terrível do Mouro de Veneza, em cuja alma já se engendra o crime monstruoso

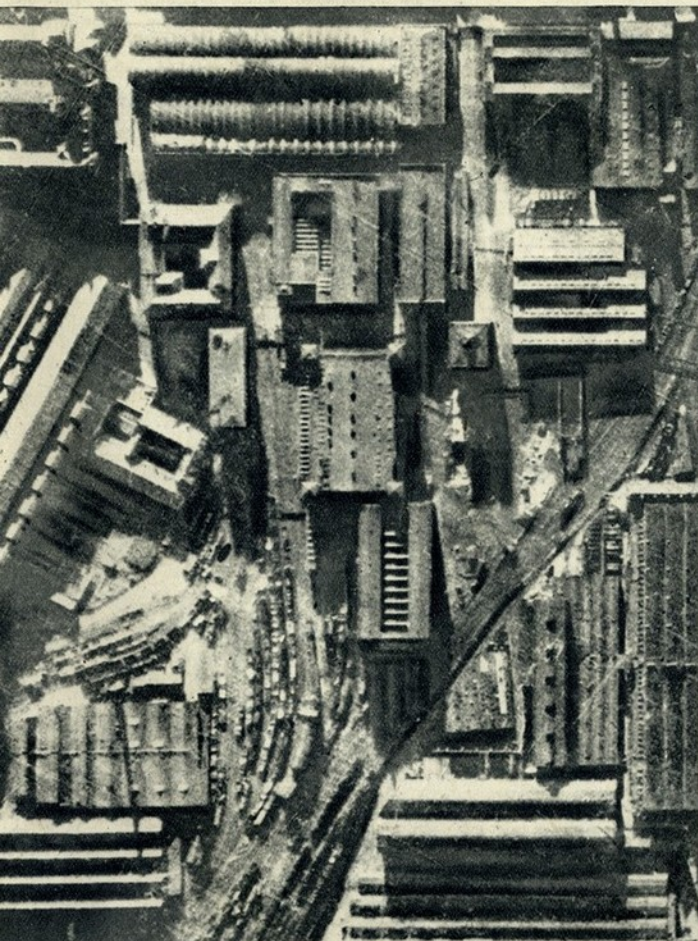
A R.A.F. EM ESSEN



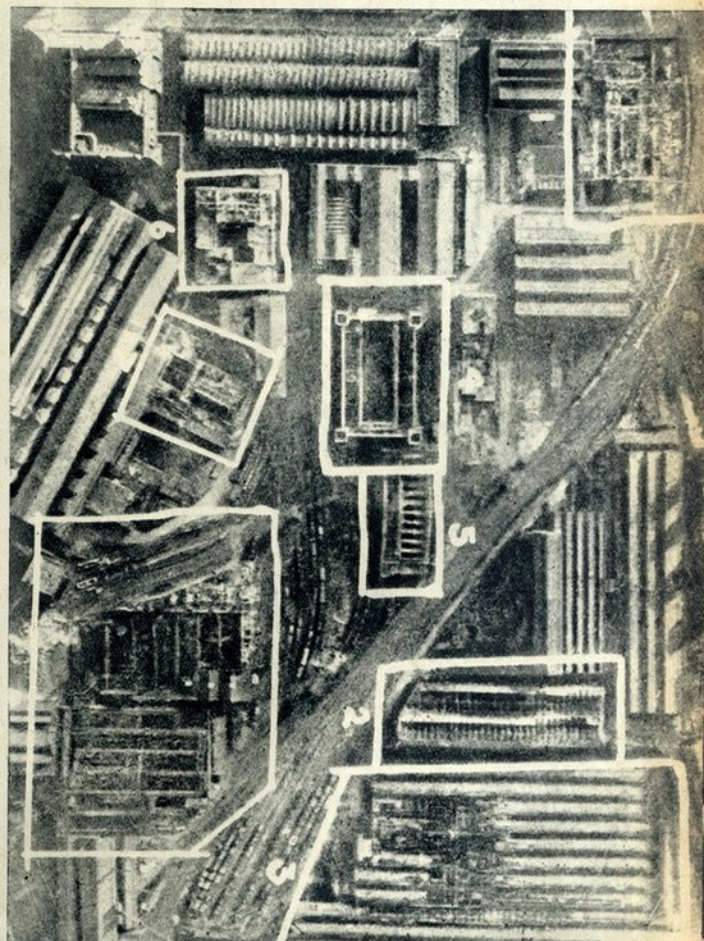
A aviação das Nações Unidas obtém vitórias em todos os céus. Um rosário de bombas incendiárias cai sobre os depósitos de combustíveis japoneses, em Burma



Uma fotografia sensacional, que demonstra a audácia e a perícia dos pilotos ingleses, tirada no momento de um ataque de "Mosquitos" aos caminhos de ferro e oficinas de Manz



Essen, onde estão as fábricas Krupp, foi alvo de um raid monstro da R. A. F. Aqui, vê-se uma das seções do centro da indústria pesada alemã, antes do poderoso ataque que a devastou



Depois do terrível bombardeamento, que alcançou outras vastas e importantes zonas de fabrico bélico daquela cidade. 1 — Oficina de montagem; 2, 3, 4 e 5 — Oficinas de construção de máquinas; 6 — Escritórios; 7 — Fundições; e, 8 — Altos fornos



No ambiente característico de um retiro. Quebrou-se o encanto. A voz do fado ficou presa num soluço, enquanto as palmas vibram com entusiasmo

O FADO

Silêncio, vai-se cantar o fado! A luz extingue-se e, na atmosfera crepuscular, rostos dolorosos, pálidos, extáticos, emergem em altitudes de torturada paixão. Tudo parece adormecer, sossobrar naquêlê círculo magnético de tensão sentimental.

Apagam-se as estrelas de luz nos olhos das mulheres. Os velhos amadores deixam arder o cigarro, na cinza morta da saudade, e há máscaras petrificadas de adolescentes que bebem a sugestão do fado, avidamente, lábios entreabertos, como se fosse um beijo envenenado e lento.

O ambiente fecha-se, secreto, misterioso, e de alma para alma, de coração para coração, estabelece-se uma cadeia de melancolia e de doçura. Todos, afinal, têm o seu fado. Mesmo os que dizem não gostar dêle, reagem à sua tristeza, fazendo por esquecer tôdas as sombras do passado, tôdas as desilusões!... Uma voz que parece longínqua, e está ali, pairante, ali-



Alfredo Marceneiro, um dos artistas mais conhecidos

do fado, parece um cançonetista de Montmartre
ciante, como que vinda dum coração trespassado de angústia, pequenina e doce por ora apenas soluço, depois pranto ardente, por fim revoltada, desgrenhada até ao patético, canta sobre as cordas da guitarra, tão finas como cabelos de ouro, para nos dizer quanto amou, sofreu e pecou... O mar canta assim, e a alma das ruas sem sol, e todos os amores que não souberam redimir-se, ou enconfraram no seu transviado caminho o sacrifício e a renúncia, a perdição e a morte!...



do fado, parece um cançonetista de Montmartre

Mas na garganta maravilhosa há notas de cristal, manhãs ardentes de estio, tardes vermelhas de tourada, jardins de cidade em flôr — e o fado oferece-nos outro aspecto, alegre e generoso, vibrante e colorido, num fundo roxo de saudade a diluir-se.

Silêncio, vai-se cantar o fado!

Os artistas sobem ao tablado, as guitarras gemem, e não há peito que, no suplicio, na chana daquela canção que é, afinal o seu destino, não sinta nos lábios uma oração de saudade, molhada de pranto!

(Fotos de J. Lobo)



Ao fundo, uma tela onde se evocam os tipos mais pitorescos do fado do século XIX: «matinees» brancas, anáguas escarlates e um tocador com a «banza». No primeiro plano, uma cena real do fado de hoje, interpretado por Maria Isabel



Recortando-se num cartaz violento de tourada, o sr. D. José Antonio Sabrosa, que continua as tradições dos Vimiosos e dos Marialvas



O fado da Saudade, que uns lábios de paixão torturam entre os acordes de otro das guitarras



O fado também tem alegria. Nas suas líricas prepassa o descritivo animado das esperas de touros nas vilas do Ribatejo



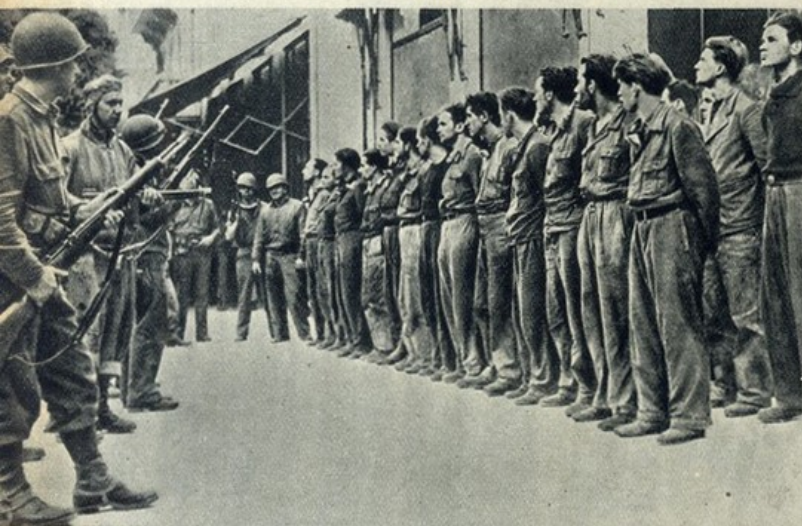
No seu avanço irresistível, no pouco que resta do território tunisiano nas mãos do inimigo os exércitos ingleses têm apreendido numeroso material de guerra. Eis um veículo das tropas de Rommel que já está a fazer serviço nas mãos dos ingleses



Rommel já perdeu. na Tunísia, uma grande parte do seu material. Um canhão pesado de 88 milímetros tomado ao inimigo na frente central



A conquista da passagem de Kasserine. Uma divisão de tanks alemã foi destruída. Pormenor do campo de batalha



A tripulação de um submarino alemão, que foi afundado por bombas de aviões ingleses no Mediterrâneo, guardada por soldados americanos no Norte de Africa



As tropas anglo-americanas têm feito numerosos prisioneiros na Tunisia. Uma longa fila de soldados alemães, muitos dos quais foram, ainda há pouco tempo, retirados da Rússia

A OFENSIVA SOBRE TUNIS



Todos os paraquedistas nazis que desceram nas linhas britânicas foram aniquilados ou capturados. Um deles no momento de ser preso



A cidade de Medenine, primeiro bastião da linha Mareth, foi ocupada pelas tropas do 8.º Exército. Toda a resistência foi inútil. A artilharia britânica varreu-a com metralha, obrigando o inimigo a bater em retirada



As tropas francesas que combatem pela libertação da sua pátria têm também um posto de honra na frente da Tunisia. Giraud disse: "A ofensiva começou e só parará em Berlim"



As forças americanas atacam com denodo as tropas nazis. Um "Heinkel 111" capturado pelas forças dos Estados Unidos está a ser examinado pelos oficiais daquele país

FIGURAS E FACTOS



O cardinal Hinsley, chefe da Igreja Católica em Inglaterra, por cuja alma se celebraram solenes exéquias na igreja dos Inglesinhos



O sr. sub-secretário de Estado das Corporações presidindo ao acto de posse da nova comissão administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas



A procissão do Senhor dos Passos passando na Calçada da Graça



O sr. presidente da Câmara Municipal entregando o machado simbólico a novos bombeiros de Lisboa



A assinatura do acôrdo do Abono de Família dos empregados bancários e da C. U. F., no gabinete do sr. dr. Trigo de Negretos



Um grupo histórico, M.^{me} Chang-Kai-Chek, acompanhada do Presidente Roosevelt, da esposa deste e do almirante Wilson Brown, visita o túmulo de George Washington

MM.^E CHANG-KAI-CHEK



O grande Presidente Roosevelt, falando pela rádio no 221.^o aniversário do nascimento de Washington. Ao fundo, M.^{me} Chang-Kai-Chek, Harry Hopkins e uma secretária da Presidência



Duas grandes figuras femininas mundiais. As esposas dos chefes dos Estados Unidos e da China

O Congresso dos Estados Unidos aplaude calorosamente M.^{me} Chang-Kai-Chek, que ao lado do generalíssimo simboliza a resistência vitoriosa da grande nação chinesa



de AURORA JARDIM

HORIZONTE DA MODA

A linha continua a ser simplesmente a mesma — é nos pormenores que a mulher elegante deve fazer incidir tôda a sua atenção para que a *toilette* seja uma harmoniosa partitura em que nenhuma nota falsa destôe.

O pormenor consiste hoje, principalmente, numa pincelada de côr em contraste com o tom dominante. Assim: *tailleur* preto com blusa côr de turquesa — logo o chapéu há-de ter também esta côr. Vestido castanho e feltro igual — saca, sapatos, luvas em rosa pálido ou verde.

Nos casacos, continua a ver-se bastante o *matelassé*. Quando de tarde, os desenhos podem ser rebordados a *soutache*, a contas e a pérolas de madeira.

Alguns casacos de côr são a três- Quartos, por exemplo: encarnado sobre saia preta. Descem abaixo da anca e têm algibeiras ou dragonas bordadas. A aba é bastante rodada.

Um amor: *redingote* côr de cereja com gola e botões em veludo preto.

Nos vestidos de noite fazem-se encaixes completamente em *paillettes*, e também mangas curtas. As luvas altas terão uma espécie de pulseira em *paillettes* no pulso e a saca de camurça igual motivo. Para remate, bolero inteiramente executado nessas lantejoilas.

Um vestido escuro, simples, pode tornar-se mais *habillé*, aplicando-se-lhe bordadas alças que terminarão por algibeiras soltas da saia, igualmente guarnecidas. Ou, então, apenas alças e punhos estreitos com bordado em vários tons da moda: *chartreuse*, amadouro rosa vivo, turquesa, azul-noite. Às vezes, o bordado prolonga-se pela manga acima, do lado de dentro.

Saber escolher o pormenor justo que valorize o conjunto — eis o verdadeiro segredo da moda de hoje.



A última moda. As inglesãs usam agora este lenço que é uma homenagem às forças americanas

O QUE A NOIVA DEVE LEVAR PARA A BREVE VIAGEM DE NÚPCIAS

Nem demais nem de menos — o necessário apenas.

É difícil a escolha? Aqui estamos para vos ajudar. Mais ou menos isto:

— Um *tailleur* clássico azul escuro. E mais: uma saia cinzenta. Três blusas: uma em flanela encarnada, outra em crepe branco finamente bordada e a última em musselina azul urquesa.

— Um vestido inteiro, castanho, prático, com algibeiras e cinto. Saia separada. Mais: um colete em camurçine de tom vivo e diferente da saia.

— Vestido de crepe estampado.

— Vestido de noite.

— Casaco de camotex ou veludo côr de charuto.

— Três charpes de côr.

— Conjunto para jantar: saia comprida e casaquinho curto. A primeira em *marocain* preto, o segundo em tafetá sacado ou *paillettes* ou *matelassé*.

— Capa de raposas.

— Chapéus, sacas, luvas e sapatos a dizer.

— Três parures completas.

— Lenços.

— Cintos.

— Roupão. Casaquinho para ler na cama. Chinelinhas.

— Meias.

— Lencinho de musselina ciclame e outro branco com rendas.

— Uma coisa que deve trasbordar da mala e do coração: alegria.

CASA QUEY

HOSIERY SPÉCIALITS

OUT SIZES

MAISON FRANÇAISE
RUA SERPA PINTO, 18



Seja qual fôr o trabalho da mulher, é necessário ser-se sempre elegante

ONTEM E HOJE



SILVA PINTO
Caricatura de Celso Herminio

SILVA PINTO

SILVA PINTO foi considerado por alguns dos seus contemporâneos um escritor azêdo.

Nem sempre esta atribuição coube, justamente, ao comentador de «Combates e críticas». Ele teve, como, aliás, muitos artistas, o orgulho de nem sempre estar de acôrdo com as maiorias dominantes. Quasi sempre é a maldade alheia que ennegrece os sonhos que os artistas acarinhão pela vida fora.

Pois, Silva Pinto não foi azêdo — foram os outros que infelicitaram a sua alma.

O escritor o refere: sua infância passara-a enclausurado num lóbrego colégio; a fortuna que viria a caber-lhe por morte do pai, foi-lhe subtraída.

Depois, o escritor, pobre, trabalhou, trabalhou sempre, extenuantemente; escreveu dia e noite, para agenciar o seu pão.

Ora quem assim vive, a sofrer, não pode lejar obra de reconfortante optimista côr de rosa.

O saudoso e grande caricaturista Celso Herminio, representou-o sob a legenda: «Fel e vinagre». De facto, assim foi a indole de Silva Pinto: fel que êle esgotou até à última gota; vinagre que lhe amargurou a luta contra a agressividade do meio.

Não amou êle, na velhice, com ardor espiritual próprio dos vinte anos? Não sentiu a alegria de admirar os grandes do seu tempo: exaltando Camilo, Herculano, João de Deus, e a fulgurante mocidade de Cesário? Artiscamo-nos a afirmar que Silva Pinto foi um espirito generoso e bom.

Tão bom que, em conflito com a maldade alheia, imaginou, em seu cismar, um mundo onde não pudessem existir homens maus, nem vaidades, nem sentimentos baixos.

A VIDA

Abri meus olhos ao rajar da aurora e parti. Veio o sol e então segui-a... a sombra, que eu julgara guiadora, a minha própria sombra fugidia.

Ê foi seguindo o sol; ao meio dia escondeu-se-me aos pés a sombra; agora se volto a olhar onde passei outrora, vejo a seguir-me, a sombra que eu seguia.

¶ gente é sol de um dia; sobe, avança, passa o zênite e vai, na imensidade apagar-se no mar, onde se lança...

Ê a vida é a própria sombra: meia idade somos nós que a seguimos e Ê «esperança»; depois segue-nos ela e Ê «saúde».

FERNANDO CALDEIRA

Eduardo Perez

Ê -NOS sempre grato ao espírito reconhecer o valor dos escritores que, ao cabo de anos de trabalho, fazem perdurar a ideia da sua arte.

Dá-se êste caso com Eduardo Perez. Talvez ao leitor lhe não ocorra, de momento, êste nome.

Não será cremos, por desatenção às belas manifestações criadoras; mas, talvez, porque a vertigem de hoje não permite, em raros casos, recordar, gratamente, os que teem obra digna de admirar.

Estamos a falar-lhe de um dos mais originaes contistas da nossa terra; de Eduardo Perez. Não é um rapaz. Foi íntimo de Fialho e de tantos outros escritores que assinalaram uma geração. Todavia, a arte do autor de «O casal do Caruncho», porque é bela, é sempre nova.

Quasi uma trintena de volumes de teatro; uma dezena de livros de contos, nos quais incluímos êste delicioso tomo recentemente publicado sob o título de «Os três livros de Patricio Mósca», constituem a sua bagagem literária. E devemos convir que num país onde nem sempre o trabalho merece referência justa, o facto representa alguma coisa no nosso meio literário.

Relendo a obra de Eduardo Perez, ela dá-nos a certeza de que os anos pouca influência têm sobre o espírito.

Augusto Ricardo

“Novelas transmontanas”

ASSIM se chama o livro que nos chega de longe. Foi escrito em S. Paulo e é seu autor António Pousada.

Êste tomo, além do seu mérito literário que merece atenção entre o grande movimento intelectual do Brasil, foi escrito por um português ido ainda menino para aquêle «país do futuro», na ajustada frase de Zwiçig.

António Pousada não foi para ali com a ilusão de ser literato: foi em busca de pão.

Cedo começou a lutar com rudeza para o sustento do dia a dia. Fez-se artífice — e, sem deixar de o ser, deu realidade a sonhos altos de pensamento.

Confessa-o, com dignificante orgulho, que continua a ser trabalhador manual.

No entanto, há nêste escritor populista — o vocábulo honroso, não admite qualquer alusão menos elevada à sua arte — um requinte de pensamento e uma expressão formal nem sempre fáceis de encontrar em tantos escritores.

António Pousada, fala-nos da sua terra, dos castanheiros, da gente humilde, da ternura do povo de Trás-os-Montes, dos seus amores, das amarguras, das alegrias, da bondade, do enlêvo, que existem na alma ingénua da gente simples e rude. E o escritor não se limita a dar às suas narrativas o tom aguarelado das coisas superficiais. Vai ao fundo humano das figuras cuja fisionomia moral nos retrata admiravelmente nas páginas do seu livro.

Se affirmarmos que António Pousada é o mais representativo dos escritores portugueses em terras do Brasil, não fazemos mais do que manifestar perfeito acôrdo com Monteiro Lobato e Guedes de Amorim, cujos depoimentos escritos

acêrca da obra límpida e humana do novelista são sobremaneira enaltecedores e justos.

Pretensão

UMA figura que há muitos anos teve certa nomeada política, sentiu um dia a ambição de ser alta figura nobiliárquica.

O homem era de letras gordas; todavia, no campo eleitoral era elemento útil...

Um conhecido do pretendente, íntimo do ministro que à época poderia satisfazer o desejo de candidato, que era o de ascender a pósto superior na escala social, apresentou ao amigo a pretensão.

Reparo do ministro:

— Impossível... como queres tu...

sim... um homem que até diz enxotar!

E o outro, sem perder a boa disposição:

— Mas, que tem isso de extraordinário?... Tu também não dizes açucar?...

Stuart

ACERCA de Stuart de Carvalhais perguntava-nos alguém:

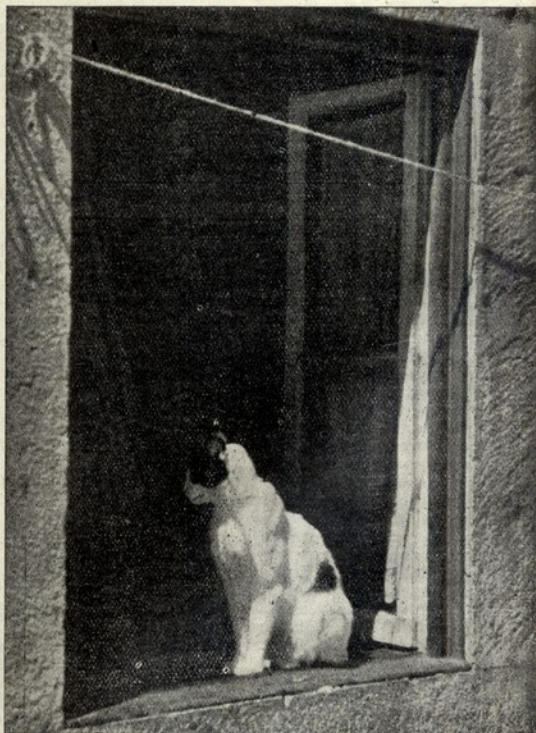
— Qual é a escola dêsse enorme comentador em cujos trabalhos rarece haver um mixto de escárneo e de amargura.

Retorquimos-lhe que o artista era êle... inconfundível... pessoalíssimo.

O riso que muita vez põe nos seus modelos vivos faz meditar a quem o analisasse.

— A sua arte não é académica? nem clássica? nem modernista?...

— Não. Para quê? E, ainda bem que êssim é, Stuart, que conhece várias escolas, sentiu necessidade de criar mais uma — a sua.



Desta vez não é preciso perguntar: onde está o gato?

O BOBO DO JARDIM

NOVELA DE GUEDES AMORIM

DE verão ou de inverno, Zéluas aparecia de manhã cedo no jardim do Rio de Janeiro, e, só à noite, voltava ao seu cubículo, lá baixo, à beira rio.

— Do que gostas tu mais no mundo? — perguntavam-lhe os que se divertiam com a sua loucura.

— Das flôres!

— Só das flôres?

— E dos namorados, também.

Era verdade. Zéluas, velho sargento reformado, com febres e cicatrizes das campanhas de África, pobre louco inofensivo, tinha a doentia paixão das flôres e dos namorados. Batia palmas, entusiasticamente, inexplicavelmente, diante dos canteiros floridos e na frente dos parzinhos românticos que, de mãos entrelaçadas, cochichavam promessas de felicidade.

— Porque não te casas, Zéluas?

A esta interrogação o desassissado baixava a cabeça, punha-se a mastigar não se sabia o quê, e, como se o perseguissem, ia dar voltas sobre voltas para os recantos menos concorridos do parque.

O que se dizia de Zéluas daria certamente um romance, mas ocupava poucas palavras: Aos vinte anos, concluída a sua instrução de tropa, fôra para Moçambique numa expedição militar. Contava demorar-se por lá três, quatro anos, para regressar, com uns magros patacos ameaçados, e casar com uma prima, sua namorada desde pequenita. Eram bonitos os seus sonhos, mas saíram ruins os resultados. A noiva, por espaço de meses, escrevera-lhe cartas repassadas de amor, falando sempre do casamento, por que ansiava, e acompanhando sentimentalmente as epístolas de perfumadas pétalas de rosas. De certa altura para diante, porém, a apaixonada deixara de escrever. Saudoso e inquieto, Zéluas fizera-lhe, por escrito, perguntas sobre perguntas. Não obtivera resposta, não obtivera nunca resposta. Arrastado pela vida militar, cortando o sertão em lutas terríveis, fôra vencendo o tempo, fôra galgando os anos. Por feltos heróicos, ganhara as divisas de sargento. Pouco depois, regressava à pátria. Soube então, que a prima descrente do seu regresso, havia casado com outro...

Vivendo da sua insignificante reforma, Zéluas achava, de si para consigo, que não vivia nada mal. Sôzinho no mundo, precisava de bem pouco para amparar o cânastro, como costumava dizer, nos raros momentos em que se dispunha a falar a seu respeito. Todavia, não aludia nunca a ambições nem a projectos. Percebia-se bem, nos seus olhinhos miopes, que, dentro de si, sangrava ainda a ferida de se não ter casado.

— Quando arranjas noiva, ó Zéluas?

Desgostoso, o misero, arrastando a bengalhinha pelo tapete de areia do jardim, não respondia aos intrometidos. Fugia para debaixo das árvores mais afastadas, mascava e mascava, cuspia de quando em quando, e acabava por voltar para junto das flôres ou para a frente dos namorados e desatar a bater palmas como se estivesse a aplaudir um espectáculo que fôsse do seu agrado.

Logo que baixava o crepúsculo, terminava a sua jornada pelo jardim. Vagorosamente, silenciosamente, descia as ruas que levavam à sua toca. Fazia êle próprio a pouca comida de que precisava para alimentar-se. De manhã, regressava à



O pobre doido oferecia flôres aos namorados

mesma romagem. Os rapazes e o mulhério da vizilhança, quando não lhe atiravam doestos ou pedradas, comentavam irônicamente: «Lá vai o doido falar às flôres!...»

Dentre as perguntas mais originais de Zéluas, no jardim, aos pares de namorados, contava-se esta: «Quando casais? Eu dou flôres...» Dava flôres, realmente. Se uma rapariga mais espevitada lhe retorquia — «caso amanhã» —, via-se o pobre tôlo avançar para as flôres, cortar uma mancheia, e correr, todo baboso, a entregá-las à noiva.

O que mais surpreendia era como o Zagalo, impertinente e feroz guarda do jardim, permitia ao Zéluas que cortasse as flôres que lhe aprouvesse, enquanto que a outros, a uma simples e encantadora criança que fôsse, logo reprendia, e até, muitas vezes, chegava mesmo a ameaçar com a prisão. Zéluas parecia fruir tôdas as imunidades para levar do jardim os ornamentos floridos de que mais gostasse. Por esta e outras, se divertiam com êle, se o tratavam com ironias e piadas, também o estimavam, lastimando a sua profunda desventura.

— Quando casais? Eu dou flôres...

— Casamos amanhã, Zéluas.

O simpático doido fitava o parzinho, demorava os olhinhos observadores na rapariga, e, quando se convencia de que lhe falavam verdade, ia buscar um ramo de flôres e entregava-o, com cômica galantaria, àquela que se dizia noiva.

Disfrutavam-no, no fim de contas, mas também lhe agradeciam as flôres que

êle lhes dava. Criadas bonitas e sentimentais, costureiras românticas, que gostavam de ter flôres à cabeça, assediavam-no freqüentemente: «Caso-me amanhã, Zéluas, caso-me amanhã...» O doente acreditava-as, ou fingia acreditá-las. Lá em seu íntimo, na dor que lhe amarfanhava o coração e no nevoeiro que lhe afogava o cérebro, encontrava êle prazer estranho, mas delicioso sempre com semelhantes ofertas. Tinha a impressão de dar flôres à noiva que lhe fugira — tinha a impressão de que dava as flôres para o seu já impossível casamento.

— De que gostas tu mais no mundo, Zéluas?

— Das flôres!

— Só das flôres?

— E dos namorados, também.

Estas suas quatro ultimas palavras, sem nada mais, resumiam o seu drama...

Durante anos seguidos, Zéluas foi, assim, o bobo do jardim do Rio de Janeiro.

Um dia, não apareceu. Outros dias, outras semanas vieram, sem que Zéluas aparecesse. As raparigas perguntavam pelo pobre tôlo, mas ninguém lhes sabia de dar resposta suficiente. Os namorados demoravam-se, nos bancos, em arroubos sentimentais, mas esperavam em vão que o Zéluas lhes viesse perguntar: «Quando casais? Eu dou flôres...»

Soubes-se mais tarde que o pobre havia morrido.

Então o guarda Zagalo contou que o doido dava as flôres aos namorados, mas, em segrêdo, pagava-as todos os dias...

PRODUTIVIDADE

DIZIA-NOS há pouco curiosa figura intelectual dada a estudos de dramaturgia, que os documentários, críticas, alusões, doutrinarismos e outros escritos mais ou menos polémicos, emitidos a propósito da estreia entre nós, da «Electra», de Eugénio O'Neill, já tomaram um volume muito superior, em quantidade, à obra representada.

O facto, porém, não se deu somente em Lisboa. A imprensa da provincia não foi a que menos contribuiu para o esclarecimento artístico e psicológico da peça em questão.

Não escrevemos isto por *blague*. O facto, sobremaneira singular, pode ser facilmente reconhecido. Quem possa obter da Empresa do Teatro D. Maria II, permissão para consultar os numerosíssimos e variados «recortes» arquivados, ficará certo do que afirmamos.

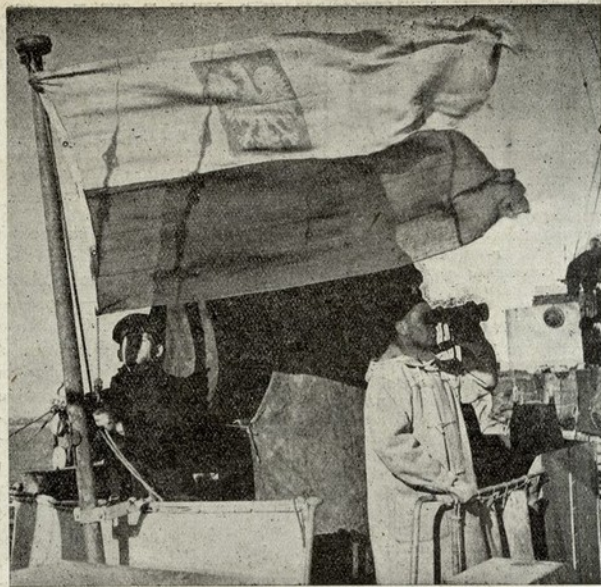
Até nós, que ao acontecimento apenas nos permitimos dispensar íntimo parecer, não pudemos deixar de contribuir — tal foi a circunstância aliciente — com estas tantas linhas registadoras do facto invulgar.

A glória do 8.º Exército

(Continuação da pág. 8)

batida pelo heroísmo dos soldados do 8.º Exército. Ao fim dos dez dias essa resistência cedeu para não mais se afirmar. Essa marcha representou a liquidação dum Império colonial. A recepção feita, por tôda a parte, aos soldados britânicos, indica claramente o estado de espírito com que eles foram recebidos, como mensageiros de paz e portadores dum princípio de ordem.

O 8.º Exército está agora na linha Mareth como em El Alamein. Reagrupou forças, recebeu uns elementos materiais, recuperou energias que a sua longa caminhada enfraquecera. Todos sabem que no dia em que ele atacar será para alcançar rapidamente uma decisão. O nome e a palavra de Montgomery são o penhor da sua acção. O general afirmou que a decisão se conseguirá dentro de pouco tempo. Assinalou mesmo para a alcançar o mês de Maio. Reparando o caminho percorrido e reparando na série de vitórias imperecíveis que o animam, ninguém duvide de que assim será.



Uma unidade da marinha de guerra polaca patrulhando um comboio em pleno Atlântico

Os «comandos», polacos

Os «comandos» constituem grandes unidades isoladas com organização e treino especial para objectivos e missões a desempenhar por este

novo género de exércitos terrestres. Os objectivos dos «comandos» são muito mais arduos que os da infantaria. Os «comandos» são obrigados a alcançar pontos inacessíveis a outros soldados. Para esse fim, estão especialmente treinados e servem-se de todos os meios de comunicação, inclusivamente nadando com pleno equipamento, escalando rochedos, utilizando paraquedas, fazendo «running march» (marcha a correr) etc. etc. Os «comandos» possuem tôdas



A difícil escalada de um rochedo

«Un Secreto!...»



disse, à sua amiga, a Espanhola cheia de *salero*. Estão a nascer-te cabelos brancos, que vais arrancando um por um, com receio de aborreceres o teu namorado caso ele descubra que a futura noiva tem cans. Por que não me disseste mais cedo, o teu segredo a mim que conheço remédio para tanta coisa? Pede ao teu cabeleireiro que te faça uma aplicação de Imedia-Oreal, a tinta moderna, e no mesmo dia os teus cabelos brancos ficarão da mesma cor que os outros. Em Espanha, *nosotras* tôdas conhecemos a Imedia-Oreal, e quem não tem cabeleireiro na terra aplica-a mesmo em casa, pois existem caixas já prontas para esse efeito. E, assim, ninguém perde o *novio* por causa de cans».

Em Portugal, a Imedia-Oreal é aplicada pelos bons cabeleireiros e vende-se nas perfumarias e drograrias.

GRATIS. — Quem se quiser documentar sobre o assunto das tinturas para cabelo pode requisitar a brochura ilustrada «O Segredo da Felicidade» (edição portuguesa) aos Agentes de l'Oreal, Rua da Assunção, 88-2.º, Lisboa. Não mande dinheiro.

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas {
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos

LISBOA

R. da Misericórdia, 20-1.º

Telefones: 2 1802 - 2 1803

PORTO

R. Sá da Bandeira, 69-2.º

Telefone: 1 276

A CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

DURANTE a última quinzena as operações na frente leste prosseguiram ininterruptamente. Nos sectores central e sul continuaram a travar-se combates de incontestável importância no presente e para o futuro. Os russos avançaram no sector central, ocupando Viazma e progredindo em direcção a Smolensko; os alemães ocuparam Kharkov depois duma luta prolongada e sangrenta.

A Alemanha, que pretendia fazer uma guerra relampago, na Russia, não obteve ainda nas vésperas do início do terceiro ano de luta, qualquer resultado. Os ganhos territoriais obtidos, durante os estios de 1941 e 1942 foram, largamente, anulados pelas contra-ofensivas russas de dois invernos. Desapareceu a ameaça sobre Moscovo com a perda do saliente de Rjev, e a auto-estrada que passa por Smolensko está, virtualmente, desbaraçada. O abraço de ferro que cingia Leninegrado foi também destruído. Aquela cidade recebeu os viveres e o material necessários que lhe permitiu lançar as suas forças num ataque duro e decisivo, que, por completo, a libertou.

A tomada de Kharkov pelos alemães é, até certo ponto, uma questão de prestígio. Quais as suas consequências? Ainda é cedo para o dizer, quando ainda não se apagaram os ecos de Estalinegrado, onde o general Paulus perdeu o melhor de trezentos mil homens. Não é crível que os alemães esboquem tentativa duma segunda penetração no Cáucaso. A campanha do ano passado não os conduziu aos almeçados poços de petróleo, mas às montanhas geladas e inhospitas do Cáucaso, verdadeira barreira que, já na outra guerra, ali os deteve, sem quaisquer resultados estratégicos ou económicos. Quere-nos parecer que a linha alemã desde a Finlândia até ao Mar Negro pode, aqui ou ali, nesta ou naquela região, ainda pesar, devido a uma concentração de efectivos, mas nunca como no primeiro período da campanha — ainda quando a mobilização russa estava incompleta — ter a mesma eficiência em toda a sua extensão. E daí o facto dos russos avançarem no sector do centro e deterem-se no do sul.

A U. R. S. S. dispõe de recursos nacionais e utiliza em larga escala o auxílio que continua a ser-lhe prestado pelos Estados Unidos e pela Gran Bretanha. Da importância desse auxílio falou ainda há pouco, com a prova dos números e dos factos, o Administrador da lei de Empréstimo e Arrendamento, Stettinius.

Mas não é apenas no tocante ao auxílio em material de toda a espécie (matérias primas, géneros alimentícios, produtos agrícolas, armas e munições, equipamentos de guerra) que a U. R. S. S. conta, de maneira crescente à medida que o tempo decorre. E' também na realização de planos estratégicos comuns que se reflectem, de maneira directa, pelo acréscimo constante das obrigações e encargos para os seus adversários.

**Seja
prático
e económico**

*viage
na C. P.*

Informações — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031 — no Pôrto — na estação de S. Bento — Telef. 1722

TEATRO DE GUERRA

(Continuação da pág. 2)

um ardente partidário do teatro. Até para os artistas, este público quasi desconhecido para eles, tornou-se em novo motivo de inspiração.

Em muitos casos, os «music-halls» e os teatros de variedades desapossaram, em seu benefício, o cinema da sua popularidade. Abre-se para o teatro um caminho triunfal.

A guerra fez que o público apreciasse devidamente o teatro no seu papel inconfundível de veículo transmissor de ideias e lhe desse o lugar que de facto lhe pertence. Isto não será esquecido quando a paz voltar aos lares de todo o mundo.

OTHELO

no teatro
português

(Continuação da pág. 18)

Porque não representar, entre as grandes peças clássicas do teatro português — Gil Vicente, António Ferreira e Camões, — o grande Shakespeare, cujo génio, como o dos nossos poetas, é universal? Decerto que tôdas encontraríamos por largo tempo um numeroso e prolongado auditório. As obras-primas são de todos os séculos e de tôdas as épocas. Vivem para lá das gerações, como o fulgor dos reis, na curva do infinito.

Não é por acaso que as olhamos; são elas que nos dominam, com as suas lições de trágico humano.

Ninguém como Shakespeare foi tão longe na prospecção anímica. Desdémoma não é um sonho, mas a pureza religiosa do amor, a alma imaculada que no destêrro da vida, a morte libertou, como a suprema oferenda da graça e da inocência. Ao lado de Julieta e de Ofélia, ela ainda é mais casta, mais doce, mais pura — mais bela!

ATAQUE A
INDIGESTÃO
DESTA MANEIRA
FACIL



UMA DOR...

UMA RENNIE...

UM SORRISO!

QUANDO a digestão for penosa, sentir dores depois de comer, não se sujeite a este sofrimento até chegar a casa. Pode, sem usar água, minorar o sofrimento.

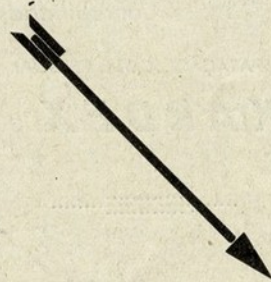
Pegue em duas Pastilhas Rennie, meta-as na bôca e deix-as dissolver lentamente.

As Pastilhas digestivas Rennie, fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. As Pastilhas Rennie são muito procuradas. Tôdas as farmácias as vendem. Pacote pequeno 7\$00, grande 20\$00.

CREME DENTÍFRICO

DENTOSAN

SIGNIFICA DENTES SÃOS



Laboratórios Dentosan
Campo 28 de Maio, 189 — LISBOA



B. B. C.

A Voz de Londres fala e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

Hora de Lisboa	
10,45 — Noticiário	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
	13,86 m. (21,64 mc/s)
12,15 — Noticiário e Actualdades	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
	13,86 m. (21,64 mc/s)
21,00 — Noticiário e Actualdades	41,75 m. (7,18 mc/s)
	42,11 m. (7,13 mc/s)
	31,75 m. (9,45 mc/s)
	30,96 m. (9,69 mc/s)
	261,1 m. (1,149 kc/s)
	1.500,00 m. (200 kc/s)

MUNDO GRÁFICO



Os soldados
da grande América
combatem
ao lado
dos ingleses
ennobrecendo
a sua
gloriosa História